

Regresso ao Passado

“Como no xadrez, por vezes para se ganhar, tem de se sacrificar uma peça”

– citação do filme “A Casa de Papel”

Capítulo 1

Cruzeiro, 02 de setembro de 2006

Os seus passos ecoavam pela casa vazia, casa que Ema percorria vagorosamente, como se tivesse todo o tempo do mundo à sua frente. Ao contrário dos seus passos, o seu cérebro trabalhava sem cessar, rapidamente os pensamentos entrelaçavam-se dentro da sua cabeça, trazendo-lhe à memória as lembranças que lhe aumentavam, a sensação de solidão que se abrigava dentro do peito.

“A vida era um jogo de xadrez, nem mais nem menos”, pensava frequentemente, em que “no final ganhava quem mantivesse o sangue frio, e os sentidos apurados”, e era dessa maneira, que o “jogo da vida” decorria sem grandes sobressaltos. A sua vida tinha-se tornado num jogo, em que ela era a peça chave, um jogo em que as peças adversárias a queriam abater a todo o custo, e se pudessem reduzi-la-iam a nada.

Ainda tinha amigos, peças que se cruzavam na sua vida aligeirando o seu sofrimento. Suspirou profundamente, como se com isso, conseguisse expurgar, toda a revolta, toda a tristeza e solidão que sentia.

Era o primeiro dia que passava na sua nova casa, um apartamento com três quartos, grande demais para ela, mas que secretamente esperava, que algum dia se enchesse, quando os seus filhos ocupassem os quartos agora livres.

À sua frente estendia-se um corredor de sete metros, a que ela numa visita anterior, se tinha dado ao trabalho de medir. Atrás de si, a porta de entrada, agora fechada, isolando-a da vida lá fora, aprisionando-a à sua realidade atual. À esquerda ficava a pequena cozinha, suficiente para a família, que se rumia a ela. Tinha uma generosa varanda fechada, para a qual “tinha de comprar cortinas com urgência”, pensava. Era uma das vantagens da cozinha, aquele espaço poderia servir para colocar a máquina de lavar roupa, e nos dias de chuva, poderia estender ali a roupa que ficaria abrigada das intempéries. À sua esquerda ficava a sala, agora repleta de caixas empilhadas, em cujo interior se encontrava tudo o que possuía. Os seus pertences tinham ficado à guarda de seus pais, enquanto estivera a viver no estrangeiro, mas agora que voltara, e conseguira um lugar para viver, seu padrasto tinha “despejado” literalmente, todos os seus haveres ali.

Ao caminhar pelo longo corredor, passou pelo wc à sua direita, cuja porta aberta deixava ver o chuveiro, e umas louças sanitárias um pouco antiquadas. Observando-as pensou que pelo menos tinha uma pequena janela, que dava para a varanda fechada, o

que era ótimo para manter o lugar sem humidades, e apreciava as portas de correr que vedavam a zona de duche. Apanhar água do chão sempre que tomava banho, era uma tarefa que não a seduzia.

Continuou caminhando e quase frente a frente, duas portas, uma à direita, encerrava uma minúscula casa de banho que estava por acabar. “Servirá de despensa, para aquilo que não quero que fique à vista”, decidiu de imediato. À esquerda, um pequeno quarto, que decidira seria para o seu filho João, tinha um pequeno roupeiro e uma porta que dava acesso a uma varanda partilhada com a divisão seguinte, onde decidira que seria o seu quarto. Do lado esquerdo, frente com “o seu quarto”, ficava o que tinha atribuído a Elsa. Este apresentava um aspeto inacabado, teria de rapidamente lhe colocar um pavimento, já que ainda se encontrava com o cimento do chão, à vista. Não possuía um pequeno roupeiro, tal como havia nos outros dois quartos, e isso tinha-lhe desagradado no apartamento desde o início, logo que o visitara pela primeira vez. Este quarto tinha também uma outra porta que dava para a varanda fechada. “Pelo menos, posso colocar tudo a arejar”, pensava. Encostou-se à parede ao fundo do corredor, olhando a porta de entrada, no outro extremo. Decidiu que colocaria ali um espelho grande que em tempos tinha pintado para o quarto de Elsa na sua casa nova, que jamais tinham

inaugurado. Tudo tinha ficado no passado, assim como o seu casamento, do qual não se conseguia ver livre.

Com um suspiro, dirigiu-se à sala para começar a abrir as caixas de papelão, antes que perdesse a coragem de se confrontar com objetos do seu passado, que sabia lhe trariam recordações boas, ou dolorosas, conforme o caso. Antes de se afastar ainda olhou para o que seria o seu quarto, onde um colchão de ar e um cadeeiro no chão, eram todo o seu mobiliário, esta situação tinha provocado lágrimas à sua querida avó. Ela não entendia, nem aceitava, a crueldade que tinham feito com a sua querida neta, e em vez de ser a avó a animá-la, era ela que lhe respondia: “Não chore! Perdi coisas, são apenas bens materiais, mas nunca perdi ou perderei a minha dignidade, avozinha”!

Capítulo 2

Cruzeiro, 03 de setembro de 2006

A meio da manhã, Ema já tinha uma lista considerável de tudo o que tinha de fazer nos próximos dias. Na véspera, tinha ficado até tarde abrindo caixotes, até que o conteúdo de todos eles, tinha sido revisto, e finalmente arrastou-se até ao seu colchão, e adormeceu de cansaço, físico e psicológico.

Tinha guardado no WC que tinha reservado como dispensa, três caixotes cheios de roupa formal, roupa que usava quando trabalhava no banco, e que embora em ótimo estado, preferia desfazer-se delas, traziam-lhe demasiadas recordações do seu casamento com Manuel. Também às três se juntaram mais duas cheias de roupas dos seus filhos, que guardara desde que eles eram bebês, retirando apenas o fatinho que João vestira quando nascera, e alguns vestidos e fatinhos de Elsa, presentes de familiares e amigos.

O seu primeiro item da lista, era identificar uma associação que desse apoio a famílias carenciadas. e se interessasse por aqueles artigos de vestuário. Tinha no seu roupeiro o necessário para se vestir de maneira apresentável, na empresa onde trabalhava como secretária de administração. A seguir colocara como tarefa secundária, publicar no site leilões do Miau, as suas coleções de quadros, e outras peças decorativas de valor, que tinha comprado ao longo dos anos, muitas das quais já nem se recordava que tinha guardado, naquele dia fatídico em que apressadamente, e com a condescendência de Manuel, reunira as suas coisas e deixara o seu lar definitivamente.

Ainda havia artigos espalhados pela sala, alguns que já tinha fotografado para vender, outros separados, para arrumar nos armários na cozinha ou nos roupeiros nos quartos.

Descobrira duas colunas que pintara em tempos, e que com uma pedra mármore retangular por cima, serviria de base para colocar a televisão em segunda mão que o seu padrasto lhe dera.

Acrescentou ainda um terceiro item à sua lista, tinha de comprar dois bancos para se sentar, já que na cozinha apenas havia uma pequena bancada que fazia de mesa, mas nenhum lugar onde se sentar para comer. Teria ainda, de comprar uma máquina para lavar roupa, já que os lençóis não poderiam ser lavados em alguidares, como fazia com toda a restante roupa que tinha para lavar.

Sentada no chão da sala, deixou o seu pensamento vaguear para Estrellita, que deixara aos cuidados de Pedro em Lima, e os olhos encheram-se de lágrimas de saudade. Há quase seis meses que se encontrava em Portugal, mas o seu coração ficara em Lima, e nunca imaginara o calvário que a esperava em Portugal, no dia em que regressou de lá. Teria de anotar outro item a cumprir, adotar um gato macho, que lhe pudesse servir de companhia, e atenuasse um pouco o silêncio e a solidão daquela casa.

Já se dera conta que a vizinha Júlia, que vivia ao seu lado, tinha um cão, e que este era a única companhia dela. Já se tinham apresentado uma à outra, e Ema tinha ficado mais conformada com a sua vida solitária, pois Júlia colocara Ema à vontade para chamá-la se necessitasse de alguma coisa.

Olhou o relógio, e apressou-se a ir almoçar, vestir-se e sair para a sua reunião bíblica, seria um período de tempo em que estudaria o que Deus tinha para lhe ensinar, e fortalecer a sua esperança num futuro melhor. O seu velho carro estava à porta, certificou-se de não esquecer do cartão telefónico que comprara durante a semana, num quiosque perto da empresa, a fim de após a reunião ir a uma cabina telefónica, e tentar falar com Pedro. Tinha em conta as sete horas de diferença a menos entre Peru e Portugal, e quando lhe telefonasse às cinco e meia da tarde, seriam onze e meia da manhã em Lima.

Nos dez minutos que a separavam do local onde se reuniam para estudar a Bíblia, recordou-se de como conseguira comprar aquele carro a prazo. Com Manuel tinha contas solidárias em quase todas as instituições bancárias. Algum tempo atrás, tinha entrado na agência do Banco Popular, durante a sua hora e meia de almoço, e aproveitando esse período de tempo, foi até lá para se inteirar como estavam as contas, e o que Manuel andara a fazer na sua ausência. Aquele homem era um desastre e um perigo financeiro para ela. Foi com surpresa que se inteirou que tinha uma aplicação que fizera há alguns anos, e que ela simplesmente esquecera. Esse valor foi o bastante para, com a ajuda do seu padrasto, ter comprado o seu carro, que agora lhe dava uma razoável liberdade de movimentos. A surpresa maior, foi quando

o caixa da agência, ao pagar-lhe a liquidação da aplicação, lhe disse:

- Tem uma dívida de trezentos euros para liquidar nesta conta.
- Como assim? Eu tenho estado no estrangeiro, e por esse motivo é impossível eu ter gasto trezentos euros, e também não tenho qualquer cartão de débito desta conta.
- É uma dívida originada por um cartão de crédito, não pago.
- Cartão de crédito? Vocês nunca me deram nenhum cartão, nem tampouco eu o pedi.
- Foi emitido ao Senhor Manuel Lemos, e ele não liquidou a dívida
- Ah sim? E que tenho eu a ver com isso? – disse Ema já irritada por estarem a ter aquela conversa com ela, á frente dos outros clientes que esperavam para ser atendidos.
- A conta é solidária, logo a responsabilidade é dos dois titulares. -
Replicou o homem com ar de superioridade.

Foi a gota de água que despejou o balde da sua paciência, e toda a revolta e sensação de aproveitamento da sua pessoa, que Manuel tinha o descaramento de ter feito, e continuava a tentar fazer, fê-la responder alto e a bom som.

- Olhe meu amigo, eu já fui bancária como você, e uma das coisas que aprendi, é que as contas podem ser solidárias, mas que os

cartões de débito e de crédito, são pessoais e intransmissíveis, logo se vocês lhe deram um cartão para as mãos, foi unicamente uma decisão vossa, e é ao titular do cartão que têm de pedir contas. Quanto a mim, nessa conta, não verão nem mais um cêntimo meu. Eu não vos pedi nada, logo nada tenho que vos devolver, espero que tenha ficado claro!

Saiu com o seu dinheiro, esse sim, aplicado por ela em seu nome, e ficou com a certeza que teria de enfrentar muitas batalhas idênticas a esta porque a guerra estava longe de estar ganha. Por muito que tentasse animar-se, sentia-se esmagada com a maldade do homem com quem tinha casado, tinha tido filhos, mas jamais conhecera. Mais uma vez jogara no tabuleiro da vida, não a tinham derrubado ou derrotado, mas também estava longe de ter feito xeque ao Rei, mas esse dia chegaria, Deus não a abandonaria, e a justiça seria feita.

Ao final dessa tarde Domingo, parou o carro, junto de uma cabine telefónica. Após ligar, ouviu a voz amiga de Pedro do outro lado da linha, o que foi o bastante para a tranquilizar e lhe dar ânimo. Pedro ficou feliz por saber que Ema tinha a sua própria casa, essa era mais uma vitória, depois de ter conseguido um bom trabalho, apenas quinze dias após ter chegado ao país, e fez questão de lho lembrar, a fim de que ela não desanimasse. Percebia que a vida dela devia estar a ser terrivelmente difícil.

- Lembra-te que apesar de distantes, estamos perto de ti, pensando em ti, e torcendo para saíres com êxito, desse divórcio. Que tudo te vá bem! – ainda o ouviu dizer, antes da ligação ser cortada.

Capítulo 3

Barajas-Madrid, 01 de maio de 2006

Naquele mar de gente, uns braços no ar agitavam-se de forma vigorosa, e chamaram a atenção de Ema, que sorriu para o homem que se esforçava para chamar a sua atenção. Ao lado do homem agitado, uma senhora sorria com lágrimas nos olhos. Ema dirigiu-se a ambos, com as suas bagagens empilhadas num carrinho do aeroporto, que largou a seu lado para os abraçar afetuosamente.

Os seus pais tinham viajado do país vizinho para a ir receber no aeroporto ultra confuso de Madrid, sabendo que o voo direto de Lima para Madrid, era muito mais barato para ela, do que se fosse destinado para Lisboa. Compreendendo as dificuldades económicas dela, tinham acordado ir busca-la ali, mesmo que isso tivesse significado uma viagem de mais de trezentos quilómetros.

- Fizeste boa viagem filha? – perguntou a mãe, enquanto o seu padrasto empurrava o carrinho até ao limite do aeroporto

- Cansativo, mas rápido, tendo em conta que vim toda a noite a voar desde Lima. Saí por volta da sete da tarde de Lima, e aqui ainda não são oito da manhã, logo com mais sete horas de diferença horária, foram muitas horas. Mas isso é o menos, comparado com o que imagino me espera por cá.

- Tudo se vai resolver, tens de ter muita calma, e sobretudo muita coragem – disse o seu padrasto que, entretanto, já tinha largado o carrinho e arrastava as malas com rodas, pelo parque de estacionamento.

- Sim, não te espera nada de bom, tens de ter muita coragem, mas nós estaremos sempre ao teu lado para te ajudar. Ainda há pessoas que não acreditam em Manuel, e nas suas mentiras sobre ti. Há também aquelas pessoas, como os padrinhos dele, que começaram a perceber que tudo não passou duma história maldosa que ele criou para denegrir a tua reputação.

- Ok mãe, eu venho preparada para a guerra que se avizinha – respondeu Ema, mais para acalmar a mãe do que acreditando nas suas capacidades de resistência, contra tudo e contra todos.

Já no carro, e enquanto tentavam sair de Madrid rumo a Portugal, Ema perguntou-lhes:

-Onde dormiram esta noite?

- Olha filha, dormimos no carro, não confiámos em deixar o carro estacionado na rua, porque sabemos que os carros com matrícula estrangeira, especialmente portuguesa, são alvo fácil dos ladrões aqui em Madrid. Não valia a pena pagar uma noite num hotel, chegámos tarde aqui a Madrid, e sabíamos que tu chegarias cedo.

– respondeu a mãe

-Oh! Devem ter passado uma noite terrível – disse Ema, pensando que a sua não tinha sido melhor.

- Não te preocupes. Tens fome? – perguntou o seu padrasto

-Bem tenho fome, estes voos low cost, não dão aos passageiros nem sequer um copo de água - disse Ema

- Vamos comer qualquer coisa, mas já em Portugal, por aqui...sabes como são os espanhóis, fingem que não nos entendem, tudo é mais caro, e come-se pior – respondeu ele.

Ema concordou com um aceno de cabeça.

- Queria apenas pedir-te um favor – disse o padrasto

- Diga, o que é?

-Tenho de colocar combustível à saída de Madrid, e necessitava da tua ajuda – disse

- Sem problema – respondeu Ema sorrindo.

Assim que pararam no posto de combustível, Ema saiu do carro, e dirigindo-se em espanhol ao empregado, solicitou o abastecimento do mesmo, e seguiram para Portugal sem problemas.

Logo que puderam parar para comer, já em território português, sentaram-se os três esperando serem servidos do que tinham pedido, e Ema perguntou-lhes:

- Têm falado com o João e com a Elsa?

Os seus pais, visivelmente incomodados, reponderam:

- Temos telefonado para eles, para sabermos como estão. Convidamo-los para virem a nossa casa nos fins de semana, até mesmo os avisámos quando a tua avó veio de Lisboa passar o fim de semana connosco, mas nunca apareceram – disse a mãe desgostosa.

- Suspeitamos que o Manuel os impede de virem a nossa casa. O Joãozinho ainda aparece, penso que aproveita quando o pai sai com a mulher com quem vive agora, as filhas dela, e a Elsa. Ele deve ficar em casa sozinho, nessa altura vem a nossa casa e a casa dos “amiguinhos” (forma como ambos os seus filhos se referiam à ama e ao esposo dela) – disse o seu padrasto

- Continua o mesmo mau coração, quer vingar-se de mim, por isso não se importa nem como o faz, nem se com as suas atitudes,

prejudica ou magoa os filhos – disse Ema, suspirando de frustração.

- Aí filha! Sinto que aquele homem vai continuar a fazer-te a vida negra – lamentou-se a mãe

- Por isso é que voltei, sei que está pouco disposto a divorciar-se, e continua a fazer dividas em meu nome. Tenho que colocar um ponto final neste circo porque eu não sou palhaça, nem tenho mais paciência para continuar com esta situação por resolver.

- Na minha opinião, deves tratar de tudo e voltar para Lima – disse a mãe

- A vida aqui vai se tornar difícil para ti, ou melhor, cada vez mais difícil – disse o padrasto

- O último a rir.... – E Ema não acabou a frase porque era sobejamente conhecida de todos.

Não voltaram a tocar no assunto, e o resto do caminho foi preenchido por uma conversa animada acerca da vida de Ema nos últimos três anos, trabalhando, estudando e superando-se, a mais de três mil quilómetros de distância.

Mais uma vez a sua mãe reforçou a sua opinião:

-Trata do que tens a tratar e volta para onde te sentes feliz. Mesmo que tenhas saudades dos teus filhos, eles vão crescer e vão fazer a vida deles, e tu ficarás cá a sofrer em vão!

Capítulo 4

Lisboa, 07 de agosto de 2006

- Ema, como deve calcular, o objetivo desta reunião, é coloca-la ao corrente de que todas as nossas tentativas de nos reunirmos com o seu marido, a fim dele assinar o vosso divórcio de comum acordo, foram em vão— disse a Dra Cristina, advogada que ela tinha contratado para a representar

- Não apareceu nas três marcações de reunião que fizemos com ele. Nem sequer se dignou a justificar porque não veio – acrescentou a Dra Raquel, outra das três advogadas sócias daquele gabinete de advocacia - embora, de cada vez que foi contactado nos tivesse dito sempre, que vinha cá, e de uma forma simpática e muito cordial.

-Ele tem brincado comigo todo este tempo, mas eu pretendo colocar um ponto final nesta situação. Se não vai a bem então que seja a mal – respondeu Ema

- Sabe o que isso significa? Ele vai jogar sujo, vai levantar muitas calúnias, e tentar convencer o juiz que a Ema o abandonou a ele, aos filhos, e que o prejudicou financeiramente. - disse a Dra Cecília, que até ao momento se mantivera em silêncio.

- Sei perfeitamente o que me espera, ele vai tentar denegrir ainda mais a minha reputação, ouvirei mentiras, vai ser difícil, vai ser um “lavar de roupa suja”, mas tudo o que ele disser, infelizmente não é nada de novo para mim, ou que não esteja à espera- disse Ema que tentava mostrar uma coragem que raiava a desespero, tudo valia desde que colocasse um ponto final neste casamento – e continuou dizendo- eu não vejo os meus filhos senão nos “bocadinhos” de tempo, que ele condescende em proporcionar-me. Lembro-me perfeitamente que em março de 2004, ele impediu os meus filhos de se irem despedir de mim, quando eu retornei ao Peru. Já este ano, depois de duas semanas em que o João aos sábados, vinha estudar comigo a casa da minha mãe, eu tentava desesperadamente que ele não perdesse o ano, mas ele não entendeu assim, simplesmente proibiu o menino de vir estudar comigo. Preferiu que o filho reprovasse o ano, do que me deixar-me tentar que ele recuperasse nas matérias em que estava pior...e claro está, ele reprovou.

- O seu marido não presta mesmo! Tem de se ver livre dele, e mais importante ainda antes disso, tem que haver uma atribuição das responsabilidades parentais, tem de ficar definido com quem eles ficam a viver e quem os pode visitar, como e quando. – disse a Dra Cristina.

- Por falar nisso, eu arranjei casa em Cruzeiros, irei tratar dos últimos detalhes com a imobiliária durante a próxima semana. Neste apartamento terei um quarto para cada um, agora com o carro, e com o meu trabalho, terei condições para viverem comigo. - disse Ema.

- Essa é uma grande notícia. Gostaria que nos encontrássemos novamente de hoje a quinze dias, e me trouxesse tudo o que tem contra Manuel, todas as informações de que se recorde, um inventário de todos os bens que ele tem e que pertencem aos dois, e muito importante, uma relação de todas as pessoas que aceitem ser suas testemunhas. Nesta mesma hora, pode ser, Ema?

- Sim Dra. a minha chefe sabe que eu venho falar consigo e facilita que eu saia um pouco mais cedo do trabalho, por isso 18 horas está perfeito.

- Foi muita sorte, ter encontrado trabalho quinze dias após ter chegado ao país, sei que também se esforçou muito em aprender o castelhano, e em aperfeiçoar o inglês, e isso foi determinante para ser escolhida para secretária de uma multinacional.

- Assim foi, mas permita-me que discorde, não foi sorte, foi determinação, e foi auxílio divino porque sem Ele não somos nada. Não havia um só dia, após o dia 02 de abril, que eu não buscasse trabalho. Quando fui aperfeiçoar o inglês durante um

ano, na Universidade del Pacifico em Lima, jamais pensei vir a ser secretária, embora todas as minhas companheiras de curso fossem secretárias. Quando decidi candidatar-me às provas internacionais de Espanhol, atribuídas pelo Instituto Cervantes, jamais pensei que esse diploma também influenciaria o meu regresso profissional ao nosso país, país este, que não me tinha dado qualquer hipótese de trabalho, três anos antes.

- Não há dúvida que foi mesmo muito corajosa, e tenho a certeza que conseguirá ultrapassar tudo isto, é uma lutadora – disse a Dra Raquel com admiração genuína por aquela mulher destroçada por dentro, mas que jamais se dava por vencida.

- A sua vida dava um livro, posso lhe garantir que a parte que nós três conhecemos, já seria suficiente – disse a Dra Cristina sorrindo para as colegas, e para Ema.

- Tem toda a razão Dra, e ainda não fiz o Xeque-Mate – disse Ema levantando-se, agradecida àquelas três profissionais que se solidarizavam com o sofrimento dela – mas garanto-lhes, que o farei muito em breve.

Capitulo 5

Lisboa, 21 de agosto de 2006

Sentada em frente da Dra. Cristina, desta vez apenas se encontravam as duas no gabinete, Ema já estendendo-lhe por vez vários documentos, que depois de examinados eram colocados pela advogada, numa pilha sobre a secretária.

- Aqui estão os comprovativos das despesas que paguei quando cheguei a Portugal, dividas que Manuel originou em meu nome. A conta de telefone que deixou de pagar, dois meses após eu ter partido. A conta de supermercado, que ele nunca pagou, e que teve como origem o gasto do plafond do meu cartão do supermercado, cartão que após a minha partida, foi-lhe enviado por correio, em meu nome, juntamente com o pin respetivo, e ele usou abusivamente para compras que fez na altura do natal de 2003, note-se que eu viajei em outubro do mesmo ano. A conta de telemóvel, que se comprometeu a pagar para que eu pudesse falar com os meus filhos, mas que nunca pagou. A conta de uma enciclopédia que adquiri para os meus filhos estudarem, e que ele jamais pagou as prestações. Tem aqui uma relação dos bens que ficaram na casa de família, eletrodomésticos e afins. Outra relação de toda a maquinaria, ferramentas e outros materiais pertencentes à empresa e, que ele, em grande parte, já alienou

sem meu consentimento. Tem aqui o comprovativo da colocação, por ordem dele, do meu cartão de débito em lista negra sem que eu o tenha pedido, e com a cumplicidade do gerente da agência, no Banco de Investimento.

- Meu Deus, o carácter do seu marido é inqualificável – disse a advogada

- Perdão Dra., permita-me discordar, o meu marido não tem qualquer carácter, nem sabe o que isso é – continuou Ema, aparentemente imperturbável – sobre esse assunto, tenho a dizer-lhe que há dois meses entrei numa agência desse banco, e pedi ao caixa que me confirmasse o estado do meu cartão de débito, após me ter identificado. Foi ele aliás, que me imprimiu, a meu pedido esses dados. O cartão estava em lista negra, mas não consta, como pode ver, qualquer motivo para tal fato. Entretanto como a conta é solidária, ele perguntou se eu queria que me emitisse outro cartão, então perguntei-lhe se a conta estava provisionada, e respondeu-me afirmativamente.

- E o que fez? – perguntou a advogada curiosa.

- Talvez outra mulher lhe tivesse “esvaziado a conta” por vingança, e por todo o mal que me fez. Eu simplesmente disse que não queria nenhum outro cartão, e que o dinheiro ali depositado já não me pertencia – respondeu com uma tranquilidade que até a si mesma, surpreendeu.

- De si nem esperava outra coisa! Quando aceitei o seu caso, e decidi defendê-la, não imaginei o tipo de homem a que estava ligada, nem a nobreza de carácter que a Ema sempre tem demonstrado.

- Perdi tudo, doutora, a minha paz, a minha tranquilidade, a minha família, a minha empresa, a minha casa, mas a minha dignidade e carácter nunca esteve à venda. Faço questão de nunca os perder!

Um momento de silêncio instalou-se entre as duas mulheres, até que Ema continuou na penosa tarefa que a tinha levado até ali:

- Aqui tem o registo e o aviso de receção, da carta enviada à empresa renunciando á gerência da empresa, e que Manuel jamais registou na conservatória do registo comercial, dessa forma torpe tentou coresponsabilizar-me pela má gestão que ele tem tido, e das dividas que tem contraído desde a minha renuncia até agora. Aqui tem também uma cópia da carta! – disse, estendendo outro papel sobre a secretária.

- Vamos tratar disto, não se preocupe. Irei eu mesma à conservatória expor o seu caso.

- Muito obrigada – nesse momento as lágrimas há muito reprimidas, correram pelo rosto de Ema - temo ter a autoridade tributária e a segurança social, qualquer destes dias, a virem a indagar sobre as “minhas responsabilidades”. Tanto quanto sei,